A LETRA, O GOZO E O SINTOMA

Fábio Pereira Figueirêdo (DLH/UEPB) fabiopsicanalise13@yahoo.com.br

A relação entre psicanálise e literatura remonta aos primórdios do experimento analítico, a saber, o próprio *Freud* afirmara certa vez que não descobrira o inconsciente apenas havia inventado uma técnica de exploração desse campo movediço, o inconsciente, segundo ele, já havia sido descoberto pelos escritores que o antecederam; não à toa a pedra angular do edifício psicanalítico é moldada à partir de um texto clássico grego de autoria de *Sófocles, Freud* também dedicou parte da sua obra a análise de grandes autores da literatura ocidental, tais como *Goethe* e *Shakespeare*, além do mais é celebre um texto de *Freud* que trata da *Gradiva* de *Willhelm Jensen* onde procede uma auto-análise de um sonho e traça paralelos com as alucinações descritas pelo narrador da obra supra citada.

Jacques Lacan, o polêmico analista francês mantinha fortes ligações com o meio artístico (principalmente com expoentes das artes plásticas como *Picasso e Salvador Dali*) e dedicou todo um módulo dos seus famosos seminários a leitura do texto do autor irlandês *James Joyce* identificando ali traços de uma estrutura psicótica que nunca se desencadearia em surto por ter se transformado na mais bruta manifestação artística.

Nos anos 80 é publicado no Brasil um livro que se tornaria um marco no diálogo entre a psicanálise e a crítica literária, refiro-me ao hoje célebre *A psicanálise dos contos de fadas* do austríaco *Bruno Bettelheim* que já na introdução (intitulada sintomaticamente de "a luta pelo significado") nos exorta para o fim último da leitura de textos literários, qual seja, propiciar uma profunda reflexão sobre o humano e o sentido da vida, trazendo a baila novamente o conceito catártico aristotélico, diz ele:

Se esperamos viver não só cada momento, mas ter ume verdadeira consciência de nossa existência, nossa maior necessidade e mais difícil realização será encontrar um significado em nossas vidas. (2006:11)

Ante o exposto podemos perceber que a psicanálise não somente se apresenta como mais uma ferramenta crítica, como também pretende alargar o debate sobre o humano problematizando o suporte literário.

Entendendo o texto literário como esse jorro do humano através da escrita (como desejavam os surrealistas) é inevitável que os seus impulsos e desejos se transfigurem em letra revelando os recônditos desse mesmo sujeito. Inúmeras são as narrativas em que o universo da erótica está colocado, desde o *Decamerão*, passando pelo imbróglio fetichista dos escritos de *Sade* até aportarmos nos textos mais recentes como o estudado nesse ensaio.

Em 1928 um funcionário público profundamente perturbado por suas fantasias (muitas vezes transformados em ato) procura o divã do psicanalista *Adrien Borel* que o aconselha a iniciar uma terapia convencional ao tempo em que tentasse escrever sobre as suas manifestações mais inquietantes advindas do seu inconsciente, deveria funcionar como uma complementação aos seus encontros com o terapeuta e inicialmente não deveria ser publicado, nas palavras do próprio autor tratava-se de um texto sinistro "uma literatura um tanto louca, que se opunha a toda dignidade humana". De acordo com *Eliane Robert Moraes*:

Bataille estava então prestes a completar trinta anos de idade, vividos em constante estado de crise. Era um homem dividido: de um lado, a vida desregrada, dedicada ao jogo, à bebida e aos bordéis; de outro as profundas inquietações filosóficas, fomentadas sobretudo por suas leituras dos místicos, além de Nietzsche e Sade. (2003:08)

Claro está que a escrita ficcional de *Bataille* estava inicialmente intimamente ligada ao desejo de cura, pois a visão que o autor tinha de si mesmo era terrificante e denotava uma profunda fratura narcísica, senão vejamos:

Fiz uma psicanálise que talvez não tenha sido muito ortodoxa, porque só durou um ano.É um pouco breve, mas afinal, transformou-me do ser completamente doentio que eu era em alguém viável (2003:08)

Bataille consegue estabelecer as inúmeras relações entre os episódios narrados em *A história de O.* e os acontecimentos mais marcantes da sua infância num ambiente sorumbático, marcado pela convivência com um pai cego e paralítico, em decorrência do desenvolvimento da sífilis, em que ele (Bataille) era encarregado da limpeza íntima diária do próprio genitor, evocando em suas diversas biografias o incessante odor de fezes e urina que identificava o seu lar; a convivência com a mãe também não fora fácil, enlouquecida com o passado boêmio do pai que fazia com que ela o hostilizasse na época da enfermidade; a mãe tinha surtos psicóticos cada vez mais freqüentes que a levaria ao suicídio anos mais tarde, diz o autor: " Creio ter descoberto um novo elo que liga o essencial da narrativa (considerada no seu conjunto) aos acontecimentos mais graves da minha infância".(2003:09)

O universo infantil está mesmo presente em toda narrativa, os adultos, quando aparecem, não tem o direito à voz, são fantasmas perdidos em cenários lúgubres como castelos, florestas e parques agitados por grandes temporais. A atmosfera reinante na narrativa é muito próxima a dos contos de fadas, de acordo com *Moraes* (2003:15): "O mundo infantil da *história do Olho* é decididamente egoísta, e como tal fechado em si mesmo".

O desfecho da obra é fundamental para atestarmos a tese de que *Bataille* em A história do Olho para além de produzir uma narrativa de si mesmo estaria buscando um equivalente ao *setting* analítico na produção textual, ou pelo menos a sua continuação, pois como quer *Lacan* "uma análise nunca cessa" Nas últimas páginas do livro, escritos em forma de epílogo, a atmosfera reinante é o de uma equivalência textual ao fim do tratamento, nestas páginas o narrador desvela pontos de contato entre o imaginário mobilizado na novela e algumas circunstâncias da vida do autor, nessas lembranças intituladas "coincidências" não é mais o narrador, mas sim, uma primeira pessoa que vasculha a infância, povoada de fantasias obscenas e marcados

pela figura de um pai cego e paralítico, o que corresponde perfeitamente a biografia de *Bataille*. Expondo tais relações o escritor percebe que suas lembranças pessoais somente puderam tomar vida, deformadas, irreconhecíveis, ou seja, transformadas em ficção.

Fontes:

BATAILLE, Georges. <u>História do Olho.</u> Trad: Eliane Robert Moraes. Cosac e Naify. São Paulo: 2003.

BETTELHEIM, Bruno. <u>A Psicanálise dos Contos de Fadas.</u> Trad:Ariene Caetano. Paz e Terra. São Paulo:1980.

BENTLEY, Tony. <u>A Entrega – memórias eróticas</u> Trad: Maria Claudia Oliveira. Objetiva. Rio de Janeiro.2003.

LACAN, Jacques. <u>Seminário 11-O Sinthoma</u> Trad: Vera Ribeiro. Jorge Zahar.São Paulo. 2006.

MORAES, Eliane Robert .<u>Um Olho Sem Rosto</u> In:Prefácio à edição brasileira de A história de O. Cosac e Naify. São Paulo:2003.

SCHNAIDERMAN, Mirian. Semiótica e Psicanálise. Escuta. São Paulo.1986.

SURFISTINHA, Bruna. O Doce Veneno do Escorpião. Panda Books. São Paulo. 2006.

RIVERA, Tânia. Sobre Arte e Psicanálise. Escuta. São Paulo.2006.